

VOCABULÁRIO DO TURISMO PARA ENSINO DE INGLÊS NO NÍVEL MÉDIO: UMA INVESTIGAÇÃO EXPLORATÓRIA

Erika Cristina da Silva **MARCOS**¹

Eva Sandra Monteiro **CIPOLA**²

RESUMO

Esta pesquisa sugere, em estudo exploratório, um vocabulário básico e funcional de turismo, nesta subcategoria léxico-semântica, HOTEL ROOM FACILITIES para ser utilizado no ensino-aprendizagem de alunos do ensino médio público. Este trabalho visa desta forma, colaborar para o desenvolvimento de ferramentas para análise e construção de glossários e de bases de conhecimento lexical, aliando princípios da lexicografia, ontologia e da semântica. Também procura subsidiar o ensino do inglês nesse nível, contribuindo com o trabalho docente. Neste caso, os beneficiários diretos são os discentes, pois, saber o inglês é um diferencial no encaminhamento profissional. O vocabulário foi elaborado com base na proposta apresentada em Tosqui (2007). Para isso, de início, descreve-se a importância do inglês, língua franca mundial, a legislação pertinente ao ensino médio, a visão de currículo para esta modalidade de ensino e a importância de uma língua estrangeira. Em seguida, esboça-se a fundamentação teórico-metodológica para embasar o vocabulário a ser construído e, por fim, apresenta-se o resultado: a descrição do vocabulário propriamente dita.

PALAVRAS CHAVE: Inglês do ensino médio; Vocabulário de Turismo; Instalações do quarto do hotel; Semântica lexical; Lexicografia.

ABSTRACT

This research suggests, in an exploratory study, a basic and functional vocabulary of tourism, in this lexical-semantic subcategory, HOTEL ROOM FACILITIES to be used in the teaching-learning of public high school students. This work aims to contribute to the development of tools for analysis and construction of glossaries and lexical knowledge bases, combining principles of lexicography, ontology and semantics. It also seeks to support the teaching of English at this level, contributing to the teaching work. In this case, the direct beneficiaries are the students, because knowing English is a differential in professional referral. The vocabulary was elaborated based on the proposal presented in Tosqui (2007). To this end, we describe the importance of English, the lingua franca world, the relevant legislation for high school, the curriculum vision for this type of teaching and the importance of a foreign language. theoretical and methodological basis for the vocabulary to be constructed and, finally, the result is presented: the description of the vocabulary itself.

¹ METODOLOGIA DO ENSINO DE LINGUA INGLESA

² Coordenadora e Orientadora dos Cursos de Pós Graduação e MBA do UNAR. e-mail; eva.cipola@unar.edu.br

KEYWORDS: High School English; Tourism Vocabulary; Hotel Room Facilities; Lexical semantics; Lexicography

INTRODUÇÃO

Como professora de inglês do Ensino Médio de uma escola pública, sempre me preocupei em ensinar a segunda língua de forma interessante e contextualizada, para que fosse útil à vida do aluno.

O ideal seria formar alunos falantes e leitores da segunda língua que atingissem pelo menos o nível intermediário. No entanto, tal nível é difícil de ser atingido por vários problemas, dentre os quais, destacamos: excessivo número de alunos na sala de aula falta de material didático e paradidático, falta de recursos tecnológicos, como rádio, TV, computador e até mesmo o comprometimento dos discentes. Portanto, trabalhar um vocabulário básico como, por exemplo, o do turismo, pode despertar o interesse dos estudantes pelo aprendizado da língua inglesa e ainda auxiliá-los na busca do primeiro emprego.

O Ministério de Turismo, por sua vez, tem desenvolvido projetos que têm como objetivo capacitar profissionais ligados ao setor de turismo, tais como: motoristas, camareiros, garçons, recepcionistas, pessoal de aeroportos, dentre outros, para atingir padrões internacionais de qualidade nos serviços turísticos.

Assim, para desenvolver este estudo, pensou-se no profissional camareiro/camareira e qual o vocabulário necessário para atender bem os clientes no principal universo a que esta profissão se dedica: Hotel Room Facilities, ou seja, o quarto de hotel. Então, utilizou-se o modelo de ontologia apresentado em Tosqui (2007) e, seguindo esse modelo, deu-se sequência à ontologia na grande subcategoria QUARTO.

Por conseguinte, este artigo sugere um vocabulário básico e funcional do Turismo para ser utilizado no ensino-aprendizagem de alunos da primeira série do Ensino Médio de uma escola pública, situada na periferia de uma cidade do interior do Estado de São Paulo. Esta pesquisa visa desta forma, colaborar para o desenvolvimento de ferramentas para análise e construção de glossários e de bases de conhecimento lexical, aliando princípios da lexicografia e da semântica lexical. Vale lembrar que este trabalho é exploratório e não uma pesquisa exaustiva, mas que pode corroborar com novos estudos do vocabulário.

1. O INGLÊS NO ENSINO MÉDIO

1.1 O ensino de línguas estrangeiras no Brasil e a importância do inglês

Há mais de dois séculos que as línguas estrangeiras fazem parte do currículo nacional brasileiro. Elas são importantes porque se relacionam com os novos fluxos de capitais, mídia, tecnologia, cultura e pessoas numa esfera globalizada.

Primeiramente, tivemos, no Brasil, o estudo das línguas clássicas, principalmente o do latim, por causa da influência da igreja católica (as missas só eram realizadas em latim), de alguns documentos internos redigidos também em latim e porque se acreditava que, estudando a gramática latina, seria possível formar melhores estudantes em gramática do português. Em seguida, a língua estrangeira mais estudada em nosso país foi o francês, uma vez que a França era o palco das grandes mudanças político-sociais e culturais do mundo moderno. Segundo Souza (1977), o francês foi considerado a língua universal no início do século XIX, pois a França atingira seu apogeu de prestígio e de função civilizadora e nós, os brasileiros, poderíamos ter acesso à ideologia francesa e à grande literatura de Goethe, Byron, Schiller, entre outros, através das traduções francesas.

Para a autora, Nair Guimarães (2005), o ensino de inglês surge nos currículos brasileiros desde o começo do século XIX, devido à abertura dos portos brasileiros ao comércio exterior, principalmente com a Inglaterra. O mercantilismo criava nas colônias e nas nações que negociavam com a Inglaterra a necessidade de aprender o inglês.

A função do ensino de inglês, à época, era capacitar os estudantes a se comunicarem oralmente e por escrito para estarem aptos a fazer negociações travadas entre comerciantes ingleses e brasileiros. Mais tarde, com o advento do avião a jato, apareceu mais uma razão para se aprender línguas estrangeiras: o turismo. E, com o turismo, veio o contato direto entre pessoas de países diferentes e a necessidade de aprenderem línguas estrangeiras para a comunicação. Mas, o que realmente provocou uma intensa necessidade de se aprender línguas estrangeiras e principalmente o inglês foi a Segunda Guerra Mundial. O conflito bélico envolveu muitas

nações e fez com que o governo norte-americano percebesse a importância estratégica de se comunicarem com os países envolvidos no conflito.

Pela primeira e única vez na história, governo e universidades americanas realizaram um projeto conjunto para criarem um método de ensino de línguas estrangeiras com o objetivo de levar o estudante a ser capaz de se comunicar oralmente e, em segundo plano, de se comunicar por escrito. Assim criou-se o Army Specialized Training Program (Programa de Treinamento Especializado do Exército), envolvendo cinquenta e cinco universidades americanas, que receberam apoio financeiro e material para intensificarem suas pesquisas nas áreas de linguística aplicada e de ensino de línguas, a fim de desenvolverem métodos de ensino eficazes no menor espaço de tempo possível. A guerra, além disso, gerou um fenômeno que viria intensificar as pesquisas em busca de um método eficiente de ensino de línguas estrangeiras: os movimentos migratórios que levaram para os Estados Unidos um grande contingente de imigrantes, que passaram a ter a necessidade de aprender a se comunicar em inglês. O resultado dessas pesquisas foi o método áudio-lingual, que viria a dominar o ensino de línguas estrangeiras durante as décadas de 1950 e 1960, influenciando muitos professores até os dias atuais (OLIVEIRA, 2009, p. 24).

Após o fim da Guerra Fria, o inglês, como reflexo do poderio mundial norte-americano, surge como a nova opção para acompanhar o mundo moderno. Quando ocorreu o surgimento do Mercosul, pensou-se que a língua inglesa no Brasil perderia muito do seu poder dando espaço à língua espanhola, que, mesmo com um grande crescimento, não conseguiu firmar-se como a língua estrangeira mais importante a ser estudada aqui. Afinal, língua e poder relacionam-se e o reconhecimento do estatuto de uma língua é medido não somente pelo número de falantes que ela possui, mas também pelo espaço que ela ocupa no cenário internacional, contando as transações econômico-comerciais que são feitas nessa língua e a sua organização nas diversas organizações internacionais. O inglês, sem dúvida, no século XXI continuará a ser a língua estrangeira mais usada pelo mundo, tendo o status de “língua franca”.

Em suma, percebe-se que a língua estrangeira tem sido parte importante do currículo brasileiro **há mais de duzentos anos** e que, no fim do século XX e início do século XXI, a língua inglesa veio se firmar no currículo, dada a sua importância mundial; uma língua franca que favorece a comunicação entre vários países do mundo, comunicação esta favorecida pelas telecomunicações, pela informática e pela internet, pela fibra-ótica, pelos satélites. É o conhecimento da humanidade sendo compartilhado rapidamente pela TV, pela Internet/Web,

transformando o mundo numa aldeia global cuja principal ferramenta, tanto nas vias acadêmicas, quanto nas vias comerciais ou no turismo.

1.2 A legislação do ensino de língua estrangeira

Na Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional, de agora em diante chamada de LDB (Lei 9394/1996), em seu 26º artigo, parágrafo 5 relata:

Na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da quinta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição (BRASIL-LDB, 2011, s/p).

Nas escolas públicas do Estado de São Paulo (SÃO PAULO_CESP, 2010; SÃO PAULO_CADERNO, 2011), desde a década de oitenta, o inglês tem sido a língua estrangeira oficial de seu currículo, e o tratamento metodológico dado ao estudo dela teve duas ênfases: a estrutural e a comunicativa. Na primeira, o conhecimento era ministrado com base no sistema de regras gramaticais. Os exercícios eram mecânicos e os alunos eram incentivados a preencher lacunas. Era a ênfase na palavra de ordem o “Saber”. Textos eram usados para traduções e análises linguísticas, seguidas de explicações de regras totalmente descontextualizadas. Na segunda, a comunicativa, a língua estava em primeiro plano. A palavra de ordem era o “Fazer”, e os alunos aprendiam a cumprimentar, trocar informações, perguntar e responder sobre acontecimentos, teatralizando a vida, como se os diálogos em situações reais de uso fossem sempre da mesma forma, e, portanto, aquilo que o aluno decorava sempre serviria para os seus diálogos no restaurante, na conversa informal de cumprimentos, etc. No momento atual vivencia-se uma terceira ênfase: a de letramentos múltiplos. No Currículo Oficial do Estado de São Paulo, essa ênfase é explicada da seguinte forma:

A orientação baseada no letramento sustenta-se nas relações existentes entre princípios anteriormente polarizados, propondo a articulação entre o saber e o fazer, entre o sistema linguístico e a língua em uso, entre a oralidade e a escrita, entre o aprender e a reflexão sobre a própria aprendizagem. Para isso, é necessário que o texto (oral ou escrito), entendido como manifestação concreta do discurso, ocupe lugar central na ação pedagógica e deixe de ser trabalhado como material para mera tradução ou pretexto para o estudo da gramática (SÃO PAULO_CESP, 2010, p.106).

O Currículo Oficial do Estado de São Paulo usa como referência os PCNs (BRASIL_PCN, 2011), que servem de base para o entendimento do ensino de língua estrangeira no Brasil. A primeira grande mudança nos PCNs em relação a outros documentos é de que o inglês não é mais visto como disciplina, mas como parte de uma grande área, a de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. As formas de expressão e de acesso ao conhecimento se relacionam, portanto isto justifica a inclusão do inglês nessa grande área. Segue trecho:

Não nos comunicamos apenas pelas palavras; os gestos dizem muito sobre a forma de pensar de uma pessoa, assim como as tradições e culturas de um povo esclarecem muitos aspectos da sua forma de ver o mundo e aproximar-se dele. Assim as similitudes e as diferenças entre as várias culturas, a constatação de que os fatos sempre ocorrem dentro de um contexto determinado, a aproximação das situações de aprendizagem à realidade pessoal e cotidiana dos estudantes, entre outros fatores, permitem estabelecer de maneira clara, vários tipos de relações entre as línguas estrangeiras e as demais disciplinas que integram a área (BRASIL_PCN, 2011, p. 26).

Outro ponto importante a ressaltar é que o objetivo do ensino médio neste mesmo documento é preparar o aluno para continuar aprendendo e poder prosseguir os estudos, prepará-lo para ser um cidadão consciente, com condições de exercer sua cidadania e prepará-lo para o mercado de trabalho. Conforme o PCN alerta:

Evidentemente, é fundamental atentar para a realidade: o Ensino Médio possui entre suas funções, um compromisso com a educação para o trabalho. Daí não pode ser ignorado tal contexto, na medida em que, no Brasil atual, é de domínio público a grande importância que o inglês e o espanhol têm na vida profissional das pessoas (BRASIL_PCN, 2011, p. 27).

Portanto, quando se organizou o projeto desta pesquisa, pensou-se nos documentos e metodologias. A ideia de recorte do vocabulário do Turismo, que será apresentada nas próximas seções, partiu do ponto de vista de que os alunos, em um futuro próximo, poderiam usá-lo para trabalhar, por exemplo, como camareiros em um hotel. Como o Brasil foi sede das Olimpíadas em 2014 e da Copa do Mundo de Futebol em 2016 e outras vezes que vem por ai, o setor do Turismo será responsável por centenas de novos empregos em nosso país (BRASIL_OLÁ, 2011; BRASIL_COPA2014, 2011). Procurou-se também usar a metodologia (que não é o foco deste trabalho, mas cabe aqui uma explicação) do saber fazer. O aluno, pensando na proposta, pesquisaria e criaria uma pequena lista, tal qual um banco de dados, que o ajudaria em situações reais de uso de uma língua estrangeira.

2. SELEÇÃO DO VOCABULÁRIO DO TURISMO

2.1 O que vem a ser um vocabulário?

Quando se fala em vocabulário, principalmente em língua estrangeira, já se imagina uma lista de palavras que o aluno tem que decorar para posterior cobrança do professor. Mas isto é um desserviço no ensino de línguas.

A consulta ao dicionário (AURÉLIO, 2008, p.822), revela três definições:

- “conjunto de palavras de uma língua, ou de certo estágio dela ou de qualquer campo de conhecimento ou atividade” que é um sinônimo aproximado de léxico;
- “lista de vocábulos de uma língua dispostos, geralmente, em ordem alfabética”;
- “dicionário sucinto”.

O Dicionário de Linguagem e Linguística definem:

[...] todo falante de uma língua possui um determinado vocabulário, que compreende seu vocabulário ativo que compõe as palavras que ele faz uso e o vocabulário passivo que são as palavras que ele compreende, mas normalmente não usa (TRASK, p.155, 2008).

Em outro dicionário, o Dicionário de Linguística há várias definições: “vocabulário é uma lista de palavras”; “vocabulário é uma lista exaustiva das ocorrências que figuram num corpus”; ou ainda “ o termo vocabulário designa convencionalmente um domínio do léxico que se presta a um inventário e uma descrição”(DUBOIS et al., 2006, p.503).

Neste trabalho, assim como em Tosqui (2007), o termo vocabulário será considerado como “uma lista de palavras ou expressões de um ramo de conhecimento, técnica ou atividade” (p.82) que deverá ser construída e apreendida pelos alunos do Ensino Médio. Este vocabulário é um pequeno recorte do domínio do Turismo, mais necessariamente um recorte de uma unidade frequente (hotel room), delimitando o estudo ao domínio (Hotel) Room Facilities, ou simplesmente **Quarto** (de Hotel).

Assim, cabe ao professor trabalhar adequadamente o vocabulário, que é na aprendizagem, uma ferramenta de grande valia. O que não deve ser feito é o uso de listas descontextualizadas que poderiam mais confundir do que ajudar no processo de ensino aprendizagem. Quando são oferecidas aos estudantes, vocabulários e estruturas que lhes dão condições de uso em situações reais de comunicação, o estudo se torna mais prazeroso e eficaz.

2.2 Abordagem do vocabulário do Turismo

Diferentemente de Tosqui (2007), não se trabalhará o vocabulário do Turismo pensando em um curso de nível superior nessa área. Como já dito na seção anterior, é uma pesquisa voltada para alunos do Ensino Médio público. No entanto, a descrição final do vocabulário proposto pode corroborar para pesquisas na área de Turismo em diferentes níveis (ensino médio, técnico ou superior).

Segundo o Dicionário Aurélio (AURÉLIO., p.603), turismo é “viagem ou excursão feita por prazer, a locais que despertam interesse”. Do ponto de vista do turista, esta é aceção que ele espera e por isso vamos partir dela. Para aqueles que recebem o turista, turismo é muito mais: é a oportunidade de promoção do local sede, de movimentação de dinheiro e de geração de empregos. Turismo é também um fenômeno que gera múltiplas relações de importância social e cultural. Segundo a página na internet do Ministério do Turismo Brasileiro (BRASIL_COPA2014, 2011, s/p), “o turismo nunca foi uma palavra tão importante no Brasil” e acrescenta o que tem sido feito na atual administração:

[...] são investimentos, em grande parte de recursos do PRODETUR – programa de Desenvolvimento do Turismo, em aeroportos, infra-estrutura, rede hoteleira e qualificação profissional, entre outros (BRASIL_COPA2014, 2011, s/p).

3. LÉXICO E ONTOLOGIA: FUNDAMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO DO VOCABULÁRIO

3.1 Definições de léxico

Do mesmo modo que Tosqui (2007), neste estudo, para a organização do vocabulário bilíngue inglês-português do domínio do Turismo, usar-se-á o termo item lexical para denominar os lexemas simples, compostos ou complexos, ou seja, todas as unidades e expressões lexicais que integram o vocabulário.

Para uma fundamentação teórica, é importante ter a noção de léxico. Ele não é simplesmente uma lista de palavras. O léxico de uma língua natural é concebido, segundo Trask (2008), como “um conjunto de recursos lexicais, que incluem os morfemas da língua e mais os processos disponíveis na língua para construir palavras com esses recursos”. Para Biderman (1996), não é fácil definir léxico, ainda há a necessidade de muitas pesquisas serem feitas nesta área, mas se se estabelecer o limite de um conceito e não misturá-lo em diversas teorias é possível esclarecer com clareza os seus limites. Dentro de um estudo lexicológico a autora delimita que léxico “é o conjunto abstrato das unidades lexicais da língua” enquanto que vocabulário é “o conjunto das realizações discursivas dessas mesmas unidades”.

Assim, a partir desses elementos, pode-se caracterizar o léxico como contendo os itens lexicais da língua, ou seja, elementos que se categorizam como substantivos, adjetivos, verbos e advérbios. A questão de se incluir ou não os itens funcionais (conjunções, determinantes, preposições, afixos, entre outros) dentro do léxico não será aqui abordada.

Mas observa-se que, segundo a análise de Schindler, citada por Welker (2002, apud WELKER 2005, p.16) e também elencada em Tosqui (TOSQUI, 2007), há três leituras de léxico:

- **Léxico - componente do sistema linguístico**, ou seja, o componente da gramática de uma língua natural;
- **Léxico mental** - componente presente na mente dos usuários da língua;
- **Léxico computacional** - componente lexical de um sistema de processamento automático de línguas naturais, ou seja, uma parte de uma base de dados lexicais.

Destaca-se, assim, que à visão da Linguística e Lexicografia¹, léxico e vocabulário são termos que designam objetos diferentes. Neste trabalho, como já sinalizado na seção 2, a meta é a descrição de um vocabulário para fins didáticos, ou seja, a descrição de um conjunto de itens léxicos, isto é, palavras e expressões da subcategoria léxico-semântica Quarto de um ramo de atividade ou conhecimento (o do Turismo). Trata-se, como já observado a pouco, de um conjunto de itens lexicais discursivamente realizados.

3.2 Definição de ontologia

O termo ontologia, de origem grega, foi introduzido por Aristóteles para nomear o ramo da metafísica que diz respeito à investigação de tudo o que existe. Restringido a aplicação do termo, Saint-Dizier e Viegas (1995, p.19), assim define uma ontologia:

[...] um sistema formal que visa a representar os diferentes conceitos de um domínio e suas respectivas realizações linguísticas (SAINT-DIZIER, VIEGAS, 1995, p. 19).

Nas áreas de Inteligência Artificial e Gestão do Conhecimento, ontologia é o termo usado para designar conceitos e termos que podem ser usados para descrever alguma área do conhecimento ou uma representação desse conhecimento. Há ainda outras noções de ontologia, principalmente na área de estudo das linguagens formais.

3.3 Item lexical, conceito e categoria

O significado do item lexical (também aqui denominado “item léxico”) não deve ser confundido com as informações dos verbetes de dicionários, que descrevem os diferentes significados por paráfrases e sinônimos (LOBNER, 2002). Portanto, os significados dos itens lexicais não são paráfrases, mas conceitos lexicalizados que permitem discriminar entidades e processos pertencentes a diferentes tipos. Então, o significado de um item lexical associa-se a um **conceito**. Esse conceito é, por sua vez, classificado mentalmente em uma ou mais **categorias conceituais**. Categorizar é restringir o item lexical a um conjunto de entidades/processos/ações/estados/qualidades de determinado tipo. A determinação se dá sobre entidades existentes (sobre a denotação do item, portanto).

Para definir as categorias, precisamos de representações mentais, expressas por meio de conceitos. Assim representamos essas noções: a categoria (BARCO) é representado pelo conceito BARCO e é linguisticamente expressa pelos itens lexicais barco (no português) e boat (no inglês). As entidades que pertencem a uma categoria são chamadas de **instâncias**, **exemplares** ou **membros** dela. Categorias maiores podem abranger **subcategorias**, sendo que todos os membros de uma subcategoria são, necessariamente, membros de uma categoria superior a ela. O significado de uma palavra define, portanto uma categoria, ou seja, o conjunto de todos os seus referentes potenciais. Em suma, estamos nos reportando a três dimensões: os itens lexicais são entidades linguísticas (em itálico, como barco) que evocam conceitos (em maiúsculas, como BARCO), que são entidades extralinguísticas, talvez entidades mentais, que, por sua vez, categorizam os elementos que existem no mundo (maiúsculas entre chaves, como (BARCO)) (TOSQUI,2007, p.50).

Assim, neste trabalho, utilizam-se os **conceitos**, que constituem ontologias, e os **itens lexicais**, que constituem vocabulários. Na seção 4, a descrição dos conceitos serão utilizados para a descrição do vocabulário (itens léxicos discursivizados, ou seja, usados nos textos orais e escritos).

3.4 Noções de campos conceituais, campos lexicais e campos semânticos.

Há muitos autores, tais como Murphy, Lyons e Trier, entre outros, que discutem os campos conceituais, lexicais e semânticos. Para abrir uma discussão sobre o pensamento de todos, demandaria um trabalho exaustivo sobre o tema, o que não é o foco deste artigo. Portanto, far-se-á uma breve incursão sobre essas noções.

Foram os linguistas Trier, Porzig e Weisberger que, nos anos vinte e trinta, introduziram a noção de campos semânticos. O campo lexical pode ser um conjunto de itens lexicais que pertencem à mesma área de conhecimento/atividade (Turismo: viagem, hotel, mala, etc.). Mas também pode ser formado por itens lexicais que derivam de um mesmo radical (pedra, pedrinha, pedregulho, por exemplo). Já o campo semântico é constituído por itens lexicais associados a conceitos, ou seja, os itens lexicais associados a uma representação dos seus significados, que pode ser os conceitos por eles lexicalizados. O campo semântico do item léxico ganhar, por exemplo, englobaria itens como vencer (como em ganhar um jogo), triunfar (ganhar uma disputa), receber (como em ganhar um presente), economizar (como em ganhar tempo).

Assemelha-se a um campo associativo, que diz respeito às relações que se estabelecem entre os itens léxicos em função da nossa experiência prévia e de fatores afetivos. Um campo associativo pode conter uma série de itens léxicos aparentemente aleatórios do ponto de vista linguístico. Por exemplo, uma pessoa poderia ter no campo associativo do item léxico carro, itens como: desgaste, roubo, seguro, multa, trânsito, carona, poluição. O campo associativo de outra pessoa poderia ser, para esse mesmo item léxico: velocidade, independência, agilidade, conforto, passear.

Daí, a necessidade de não se confundir a noção de “campo associativo” com a de “campo semântico”, pois este, diferentemente daquele, representa um conhecimento lexical compartilhado por uma comunidade linguística.

4. DESCRIÇÃO DO VOCABULÁRIO

4.1 As etapas

Neste projeto, participaram os jovens do primeiro ano do Ensino Médio da escola Professora Zita de Godoy Camargo de CIDADE.

Como o foco do trabalho não foi avaliar a metodologia dessa etapa, ela será explicada brevemente. Os alunos, através de pesquisas, verificaram a importância do inglês em suas vidas, debateram o assunto em classe e concluíram que o estudo de uma língua estrangeira é essencial para a sua formação. Isto sempre é lembrado como forma de motivação durante as aulas. Em outro momento, fizeram exercícios do caderno do aluno, material este enviado pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SÃO PAULO_CADERNO, 2019), que contempla o currículo mínimo exigido pela rede. Nos exercícios propostos, eles identificaram a tradução, a definição, a antonímia e a sinonímia, como diferentes processos pelos quais é possível expressar o significado de um item léxico, e também trabalharam com campo lexical, campo semântico e campo associativo.

Cumpridas essas etapas, foi proposto aos alunos que fizessem um “trabalho de vocabulário” que pudesse ser utilizado em um trabalho ligado ao domínio Turismo. Para delimitar o trabalho foi escolhida a profissão de camareiro/camareira e o espaço, o quarto de hotel.

Com base nos estudos de Tosqui (2007), foi esboçada a ontologia do domínio, de forma que os alunos entendessem melhor o que se esperava da proposta que eles estavam por fazer.

Figura 4.1 Fragmento da ontologia do Turismo

Foram também considerados os dois quadros das subclasses da versão da ontologia básica do Turismo. O Quadro 4.1 é uma versão de Tosqui (2007), adequado aos objetivos desta pesquisa e um detalhamento da informação que está esboçada na Figura 4.1.

Grande Subclasse	Subclasses	Subclasses	Subclasses	Subclasses	
Tourism	Leisure Tourism				
	Mass Tourism				
	Ecotourism				
	Cultural Tourism				
	Bussiness Tourism				
	Event Tourism	Soccer Cup	World	Activities	
	Attractions				
	Transportation				
	Food and Drink				
	Accomodation			Guest	
				Stay	
		Hotel			

Quadro 4.1 Quadro das subclasses de TURISMO

Quadro 4.2 Quadro das subclasses de HOTEL

Grande Subclasse	Subclasses	Subclasses	Subclasses
Hotel	Lobby		
	Facilities	Swimming Pool	
		Fitness Room	
	Reception	Check in	
		Check out	
	Room	Single Room	
		Double Room	
	Twin Room		
	Triple Room		
	Family Room		
	Dormitory		
	Room Facilities	Bed, Shower, Pillow, Minibar, etc	

Assim, os alunos pesquisaram Room Facilities e as ilustrou com figuras, desenhos, colagens ou imagens coletadas da Web. No prazo de uma semana, os alunos trouxeram o trabalho, que não foi entregue à professora prontamente. Eles deveriam permanecer com o trabalho para, em conjunto, na lousa, colocarem o que haviam pesquisado. Relembrou-se os quadros das subclasses vistos anteriormente e, em seguida, eles deram procedimento à confecção do vocabulário.

4.2 A descrição

Todos os itens lexicais propostos foram colocados no quadro de subclasses de Room Facilities. No entanto, houve dificuldades, pois começaram a surgir itens que fugiam dessa subclasse, como *bath*, *tothpaste*, *toilet*. Os alunos defendiam a ideia dizendo que 90% dos quartos de hotel são, na verdade, suítes e, portanto, compostos de quarto e banheiro. Conforme Tosqui (2007), estes itens poderiam entrar como subclasse da subclasse Suíte, da grande classe Room.

Outro problema foi o de itens grafados de duas formas diferentes, tal como, *bath e bathtub* (banheira). Incluíram-se as duas formas.

Os alunos também trouxeram palavras interessantes como *check in e check out, card, money*, que também podem ser incorporados no domínio Hotel e que são importantes para um camareiro conhecer, mas note-se que esses itens não dão parte do domínio Room Facilities. Aliás, este foi o maior desafio: delimitar os itens do domínio, pois uma categoria leva à outra categoria.

Por fim, foi montada a descrição de uma parcela do vocabulário do domínio Quarto de Hotel, com isso concluem-se as reflexões deste artigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, apresentou-se um fragmento do vocabulário básico do domínio Turismo que denota a subclasse léxico-semântica Hotel Room Facilities (Quarto de Hotel). Embora a metodologia não tenha sido o foco do estudo, cabe ressaltar que o passo a passo das aulas foi prazeroso e eficaz tanto para os alunos quanto para a professora. Os alunos se empolgaram muito com a perspectiva de poderem conseguir um emprego com a aprendizagem do inglês, e isto, de modo geral, tornou as aulas mais atrativas e os alunos, que no começo do trabalho não estavam muito motivados, se empenharam mais no estudo do inglês.

As informações foram importantes para delimitar o contexto de estudo dos alunos. Não adianta adentrar a sala de aula e jogar informações descontextualizadas. O aluno precisa saber o porquê e o para quê ele está ali. Apresentar dados sobre o estudo do inglês e o seu valor na comunicação no mundo globalizado foi um primeiro referencial para eles. Entender o que se espera deles segundo a legislação fechou um ciclo que deu condições para partirmos para o segundo passo: delimitar o objetivo de construir coletivamente o vocabulário de uma parcela do domínio do Turismo, focalizando-se o quarto de hotel. Os temas foram eficazes para preparar a professora teórico- metodologicamente (sobre léxico, conceitos e vocabulário) e os alunos empiricamente

(apreensão do vocabulário de inglês para uso no desenvolvimento de papéis como camareiro e boys, por exemplo). Proporcionou os embasamentos teóricos necessários à professora para conduzir todo o trabalho. Sem compreender as definições de ontologia, item lexical, léxico, campos conceptuais, campos semânticos, a professora poderia incorrer em erros que comprometeriam todo o trabalho a ser realizado. Foi descrita como foi feita a elaboração do vocabulário e apresentada a sua descrição.

Espera-se que este trabalho exploratório contribua para posteriores estudos do léxico e vocabulários, e que possa ser aplicado em diferentes áreas de pesquisa. Uma sugestão seria a ilustração do glossário, além da possibilidade que se abre para a construção de outras ontologias, como os domínios do Hotel que não foram contemplados aqui, tais quais: Saguão, Área de Recreação, Área de Alimentação, dentre outras.

REFERÊNCIAS

- BIDERMAN, M. T. C. Léxico e vocabulário fundamental. Alfa, São Paulo, v.40, p. 27- 46, 1996.
- BRASIL_LDB, Leis de Diretrizes e Base Nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 10 ago 2011.
- BRASIL_COPA2014, Copa2014: Ministério do Turismo:. Disponível em: <<http://www.copa2014.turismo.gov.br/copa/home.html>>. Acesso em: 10 ago 2011.
- BRASIL_OLÁ, Olá Turista!. Disponível em: <<http://www.olaturista.org.br/>>. Acesso em: 10 ago 2011.
- BRASIL_PCN, Parâmetros Curriculares Nacionais (2000). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso em: 10 ago 2011.
- CEIA, C. E-dicionário de termos literários. Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/invest/edtl/verbetes/C/campo_lexical.htm>. Acesso em: 15 ago 2011.
- CHAMBERS, M. Chambers Complete English Dictionary. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1996.
- DUBOIS, J. et al. Dicionário de Linguística. 10. reimpressão da 1. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

FERREIRA, A. B. H. *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa*. 7. ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

GUIMARÃES ROSA, J. **Grande sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GUIMARÃES, N. Á. D. *O ensino de inglês como língua estrangeira: um estudo de caso sobre a competência desenvolvida nos alunos no ensino médio*. (Mestrado), Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2005.

HOLDEN, S. *O ensino da língua inglesa nos dias atuais*. São Paulo: Special Boobs Services Livraria, 2009

LÖBNER, S. *Understanding Semantics*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

LONGO, B. N. O. “Especificações gramaticais em dicionários: um estudo de caso”. LONGO, B. N. O.; SILVA, B. C. D. (org). *A construção de dicionários e de bases de conhecimento lexical*. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2006.

OLIVEIRA, L. A. *Ensino de língua estrangeira para jovens e adultos na escola pública*. In: LIMA, D.C. (org.) *Ensino e aprendizagem de língua inglesa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

OXFORD, R. L. *Language Learning Strategies: what every teacher should know*. Boston: Heinle & Heinle Publishers, 1990.

OXFORD PHOTO DICTIONARY. 11. ed. New York: Oxford University Press, 2000

PUC RIO, *Certificação Digital, Tese aberta*. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0024134_02_cap_04.pdf>. Acesso em: 14 ago 2011.

SAINT-DIZIER, P., VIEGAS, E. (eds.) *Computacional Lexical Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

SÃO PAULO_CADERNO. *Caderno do aluno: inglês, ensino médio – 1ª série, volume 3*. Secretaria da Educação; coord. Maria Inês Fini. S.Paulo: SEE, 2011.

SÃO PAULO_CESP. *Currículo do Estado de São Paulo – Linguagens, códigos e suas tecnologias – ensino fundamental – ciclo II e ensino médio - /Coord. Maria Inês Fini*. São Paulo: SEE, 2010.

SILVA, M. C. P. Lexicografia bilíngue: uma verificação dos substantivos mais frequentes em dicionários bilíngues francês-português e português-francês. In: LONGO, B. N. O.; DIAS-DASILVA, B. C. (org). A construção de dicionários e de bases de conhecimento lexical. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2006.

SOUZA, A. C. M. **O francês instrumento de desenvolvimento**. In: SOUZA, A.C.M. O francês instrumental, a experiência da Universidade de São Paulo, São Paulo: Hemus, p. 9-17, 1977.

SWARTOUT, B. et al. Towards distributed use of large-scale ontologies. Disponível em: <http://ksi.cpsc.ucalgary.ca/KAW/KAW96/swartout/Banff_96_final_2.html>. Acesso em: 14 ago 2011.

TOSQUI, P. Construção e ancoragem ontológica do vocabulário básico bilíngue do turismo para fins didáticos. 246 f. (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa), UNESP, Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara, 2007.

TRASK, R. L. Dicionário de Linguagem e Linguística. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

WELKER, H. A. Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia. Brasília: Thesaurus Editora, 2005.

